

“O Museu Pitaguary é tudo isso aqui”

O Museu Indígena Pitaguary e a territorialidade Pitaguary

“The Museu Pitaguary is all of this” – the Museu Indígena Pitaguary and the Pitaguary territoriality

Recebido em: 30/10/2024

Aprovado em: 19/05/2025

Yasmine Martins Barbosa

Francilene Pitaguary

Rosa da Silva Sousa (Rosa Pitaguary)

[Sobre as autoras >>](#)

RESUMO

O presente artigo semeia o conceito de “museu vivo” com base na análise da experiência do Museu Indígena Pitaguary (MIP), localizado na Terra Indígena Monguba, no Ceará. O objetivo é compreender de que forma o MIP contribui para o fortalecimento da identidade cultural e a defesa do território indígena, atuando como um espaço de memória coletiva e de vivência contínua dos saberes ancestrais. Metodologicamente, o estudo está fundamentado em entrevistas com pajés e lideranças locais, complementadas por revisões bibliográficas e pela análise de registros etnográficos e históricos referentes à etnia Pitaguary. Conclui-se que o MIP desempenha um papel fundamental na preservação cultural e no fortalecimento da identidade étnica e da resistência territorial, integrando passado e presente em práticas que reforçam a coesão social e a continuidade dos saberes do povo Pitaguary.

Palavras-chave: Museu Indígena Pitaguary; museologia; museologia indígena; museu vivo; território.

ABSTRACT

This article introduces the concept of a “living museum” by analyzing the experience of the Museu Indígena Pitaguary (MIP), located in the Monguba Indigenous Territory, Ceará, Brazil. Its goal is to understand how the MIP contributes to strengthening cultural identity and defending indigenous territory, serving as a space for collective memory and the continuous practice of ancestral knowledge. Methodologically, this study is based on interviews with local pajés and community leaders, supplemented by a literature review and the analysis of ethnographic and historical records concerning the Pitaguary people. It concludes that the MIP plays a fundamental role in cultural preservation and in strengthening ethnic identity and territorial resistance, integrating past and present through practices that reinforce the social cohesion and the continuity of the Pitaguary people’s knowledge.

Keywords: Pitaguary Indigenous Museum; museology; indigenous museology; living museum; territory.



Salve pajé Barbosa!
Salve Benício Pitaguary!
Em memória de todos os Pitaguary que se ancestralizaram.

Introdução

A tarefa de reunir fragmentos de uma história marcada por colonização, apagamento, negação identitária e violação de direitos básicos, divulgar esses registros em produções acadêmicas, em museus e universidades, por meio das falas das lideranças indígenas e pesquisadores aliados às suas causas, são formas de apoiar a luta do povo Pitaguary.¹

O presente artigo apresenta a relação indissociável entre o Museu Indígena Pitaguary (MIP) e o Território Indígena Pitaguary, ressaltando o papel fundamental do museu como um espaço de luta por justiça de transição e pela demarcação do território indígena em um cenário marcado por contínuas violações e pressões externas que ameaçam a integridade do povo e do Território Pitaguary. Da mesma forma, busca colaborar na preservação/vivenciação² da memória, da espiritualidade, das ciências ancestrais e das práticas culturais, garantindo a continuidade de suas tradições e fortalecendo a identidade Pitaguary.

A publicação é fruto de um trabalho coletivo que reúne entrevistas realizadas com a pajé Francilene Pitaguary e a liderança Rosa Pitaguary, em 2024, e complementadas pelos desdobramentos da dissertação de mestrado de Yasmine M. Barbosa, desenvolvida no Programa de Gestão e Preservação do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz (Barbosa, 2019). Os Pitaguary são um povo indígena que, ao longo de sua

¹ O presente tópico foi desenvolvido com base em contribuições para o registro documental da história da etnia Pitaguary por meio de investigações etnográficas realizadas por Lyra (1998), Pinheiro (2002), Magalhães (2007), Galdino (2007), além da atuação da liderança Rosa Pitaguary, que possui uma longa trajetória no movimento indígena, representando seu povo na luta pela garantia de direitos.

² O termo “vivenciação” remete à preservação pelo uso e manifestação do patrimônio cultural Pitaguary.

história, têm enfrentado desafios relacionados à preservação de sua identidade etnocultural e ao reconhecimento de seu território. Historicamente, esse povo foi violentado pelo processo de colonização, que resultou na perda de territórios tradicionais e na negação identitária.³

Em análise da produção de Pinheiro (2002) é possível organizar as narrativas e memórias Pitaguary em dois tempos: o passado, de negação da identidade indígena, desterritorialização, escravização e os conflitos com os fazendeiros; e o presente, visto como tempo de luta, de afirmação identitária, práticas das tradições ancestrais e movimento de reterritorialização.

O movimento de reterritorialização dos Pitaguary começou a ganhar força nas décadas de 1990, quando houve um crescente reconhecimento da necessidade de proteger os direitos dos povos indígenas no Brasil. A Constituição de 1988 representou um marco nesse processo, ao garantir o direito das comunidades indígenas à demarcação de suas terras tradicionais. Segundo Rosa Pitaguary (2024):

O reconhecimento do povo Pitaguary, ele se dá na década de 90, e aí é onde começa todo o processo de estudo antropológico do nosso território de reconhecimento do povo, e aí a gente vem se estendendo até 2007. Em 2007 sai a demarcação do nosso território, onde é declarada a terra, e aí agora em 2024, a gente está fazendo a segunda demarcação física do nosso território, porque teve uma primeira demarcação que ficou a parte do território de fora, e aí agora foi feita a demarcação física, mas nosso território a gente enfrenta muitos desafios. Desafios de conflito, de posseiros, e outras coisas mais (Pitaguary, 2024).⁴

A afirmação étnica do povo Pitaguary está intimamente relacionada à questão da territorialidade. Sobre isso, Galdino (2007) aponta que a mobilização do grupo indígena se deu a partir da luta pela reterritorialização das terras de seus antepassados em decorrência da emancipação do município de Maracanaú, no Ceará. No entanto, a trajetória do grupo pela reterritorialização de seus territórios é marcada por constantes desafios que persistem na atualidade.

³ Para mais informações sobre a trajetória histórica da etnia Pitaguary, ver: Pinheiro (2002); Lyra (1998); Magalhães (2007); e Galdino (2007).

⁴ Informação verbal de entrevista em 22 de outubro de 2024.

O museu e a luta pela terra

A Terra Indígena Pitaguary abrange partes dos municípios de Maracanaú e Pacatuba, além da sobreposição na Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra do Aratanha, na região metropolitana de Fortaleza, no Ceará. O povo que vive tradicionalmente no “pé da serra”⁵ está organizado em quatro aldeias (Horto, Olho d’água, Santo Antônio e Monguba), onde vivem cerca de 4.000 indígenas, de acordo com as informações fornecidas pelo Inventário Socioambiental Pitaguary (Azevedo; Albuquerque; França, 2019).

A falta de acesso e a violação ao território são alguns dos principais geradores de conflitos para o povo, mesmo já tendo suas terras demarcadas pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), por meio da Portaria nº 2.366, de 15 de dezembro de 2006, tendo em vista o disposto no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996 (Brasil, 1996) e homologadas pelo Decreto nº 12.582, de 6 de agosto de 2025 (Brasil, 2025a).

Um dos fatores de conflito territorial se deu pelo estudo etnoecológico, elaborado pela Funai e desenvolvido em função de exigência ambiental para o processo de licenciamento da TI Monguba, localizada em Pacatuba, que deixou de fora o terreno da linha férrea, que corta o território, resultando na exclusão da escola indígena Ita-Ara (Barbosa, 2019, p. 67). Além de uma decisão judicial que retirou 300 hectares da área inicialmente demarcada na região denominada Fazenda Pouso Alegre, localizada no município de Maracanaú, segundo informações da Defensoria Pública da União ([2024?]).

Rosa Pitaguary, liderança de seu povo e coordenadora de Políticas Públicas da Secretaria dos Povos Indígenas do Estado do Ceará (Sepinice), nos apresenta um descontentamento gerado pelo estudo etnoecológico, principalmente pelo fato de o estudo de impacto ambiental ter permitido que linhas de alta tensão cortassem o território, gerando impactos negativos e perigo à população. Outro

⁵ A Portaria do Ministério da Justiça nº 2.366, de 15/12/2006, declara de posse permanente do grupo indígena Pitaguary a Terra Indígena Pitaguary. Algumas coordenadas da terra demarcada estão localizadas no “sopé” da Serra do Aratanha, referência ao que popularmente é chamado de “pé da serra” (Brasil, 2006).

fator recorrente nas falas dos Pitaguary é a presença de posseiros e invasores na terra demarcada:

[...] O território, nosso território do povo Pitaguary, ele tem 1.735 hectares de terra, hoje já foi feita a demarcação física, mas a gente ainda encontra muitos desafios pela frente. Infelizmente o nosso território está tomado por invasores e por pessoas que se diz ser indígena, também não posso dizer que não são, mas não são Pitaguary, [...] então infelizmente a gente tem alguns embates que a gente tem passado, por exemplo, nós tivemos algumas questões que foi preciso fazer estudo de impacto ambiental dentro do nosso território como a questão da linha da CHESF que passou dentro do nosso território e a linha de alta condição também da STN, então isso para nós, foram conflitos que nós enfrentamos. Priorizamos dentro do nosso território, nessas linhas de alta tensão, teve um estudo de impacto ambiental (Pitaguary, 2024).⁶

Dentro da Terra Indígena Pitaguary, existem três escolas: a Escola Indígena Ita-Ara, localizada na Aldeia Monguba, no município de Pacatuba (CE); a Escola Indígena Chuí, localizada na Aldeia Olho D’Água, no município de Maracanaú (CE), ambas vinculadas à rede estadual do Ceará; e a escola indígena de educação básica do povo Pitaguary, localizada na aldeia Santo Antônio, vinculada à rede municipal de Maracanaú (CE).

A comunidade é atendida por uma rede de unidades de saúde que se articula entre as gestões do Ministério da Saúde e as prefeituras locais (Brasil, 2024). A coordenação geral é realizada pela Secretaria de Saúde Indígena (Sesai) e pelo Departamento de Atenção Primária à Saúde Indígena (Dapsi). A gestão no nível local fica a cargo do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) do Ceará, que organiza os serviços com auxílio do Polo Base do município de Maracanaú (CE), responsável pelo atendimento do povo Pitaguary.

A rede de atenção à saúde do povo Pitaguary inclui o Polo Base, uma Unidade Básica de Saúde Municipal compartilhada, e o Ponto de Apoio. Em 2025, a estrutura foi fortalecida com a inauguração de duas novas unidades. A Unidade Básica de Saúde Indígena (Ubsi) Dona Joaquina Vieira foi construída na Aldeia Santo Antônio, mas atende também as Aldeias Horto e Olho d’Água, ambas localizadas

⁶ Informação verbal de entrevista em 22 de outubro de 2024.

no município de Maracanaú. Em Pacatuba (CE), a Unidade Básica de Saúde Indígena (Ubsi) Pajé Barbosa foi construída para beneficiar os indígenas da aldeia Monguba (Brasil, 2025b). Essas unidades contam com Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena (EMSI) para o atendimento direto à população:

E no Maracanaú, que é o nosso território, ele está dividido em dois municípios, ele está dividido entre Pacatuba e Maracanaú, sendo que a maior parte do território fica dentro do município de Maracanaú, com a população maior também, a população maior. Aliás, mais de 3 mil, 4 mil indígenas, quase 4 mil indígenas, e dentro do nosso território nós temos hoje as escolas indígenas, que é a Escola Indígena Itaara, nós temos a Escola Indígena Chuí, ambas são escolas estaduais, e nós temos também uma Escola Municipal, que é a escola que se localiza dentro da aldeia.⁷

A escola e a saúde indígena, como elementos da cosmografia Pitaguary, frutos de histórica mobilização política comunitária, assim como o território e a ciência da medicina sagrada são componentes essenciais da territorialidade, identidade étnica, patrimônio cultural Pitaguary e da vida comunitária. Relacionados com a cosmovisão de um futuro ancestral (Krenak, 2022), a escola, a saúde indígena e as medicinas tradicionais são fundamentais para a garantia da sobrevivência dos povos indígenas.

Nesse contexto, destaca-se o projeto “Yby Marã – Movimento Agroflorestal Pitaguary”,⁸ criado em 2025. O projeto foi concebido por meio da mobilização coletiva do povo Pitaguary da Aldeia Monguba, com o incentivo do Ministério dos Povos Indígenas (MPI). O “Yby Marã” será implementado em diversas áreas do território: na Mata do Sabiá, com a implantação de um sistema agroflorestal; no Horto de Plantas Medicinais, valorizando o uso ancestral da cura pela natureza; na escola, que funcionará como centro de formação e troca de saberes; e na Casa de Apoio, um espaço de acolhimento e vivência para aqueles que desejam aprender a cuidar da terra e do território.

⁷ Informação verbal de entrevista em 22 de outubro de 2024.

⁸ Informações sobre o projeto Yby Marã – Movimento Agroflorestal Pitaguary Aldeia Monguba. Disponível em: <https://www.instagram.com/yby.mara/?igsh=NWxnZGV0aTZjNHJh#>. Acesso em 4 out. 2025.

No presente artigo, dentre as aldeias que compõem o Território Pitaguary, optamos por destacar a do Santo Antônio, localizada no município de Maracanaú (CE) e a Monguba, localizada no município de Pacatuba (CE). O enfoque deu-se pelas duas apresentarem, em suas localidades, lugares de vivenciação da memória e anciões, bem como as escolas e as unidades de saúde indígena.

No território da Aldeia Santo Antônio, há a Mangueira Sagrada, que simboliza a ancestralidade Pitaguary e é celebrada anualmente no dia 12 de junho. A memória dos antepassados escravizados nesse território também é um elemento crucial, considerado um pilar da história do povo. Além disso, existe o açude, um local considerado sagrado, que se tornou um ponto de conflito devido ao turismo comunitário desordenado (Movimento..., [202-]).

Do Santo Antônio, então a gente tem essas duas escolas estaduais e uma escola municipal e também, nós temos três unidades de saúde dentro do nosso território, né? Que são atendidas pelo DSEI, né? Pela SESAI, a Secretaria Especial de Saúde Indígena, a gente tem a unidade de saúde na Monguba e temos duas unidades de saúde dentro do Horto, dentro do Maracanaú, né? Que aí fica uma unidade de saúde no Horto, com duas equipes de saúde, que atendem no Olho d’Água, e nós temos uma unidade de saúde, com equipe que é o polo base em Santo Antônio, né? Que atende toda a aldeia de Santo Antônio, é a equipe multidisciplinar de saúde indígena e a gente vem nessa luta. Nós temos os locais sagrados do nosso povo, que são a mangueira sagrada onde fazemos a nossa festa todo dia 12 de junho, se a gente vai e faz o nosso momento de espiritualidade junto à mangueira, sabendo que não temos mais os nossos antepassados, nem vamos ter mais o nosso povo sendo escravizado ali dentro.⁹

Na Aldeia Monguba, Rosa Pitaguary destaca os locais que fazem parte de um circuito cultural que percorre toda a Aldeia, entre eles: a Escola Indígena Ita-ara; o rio da provisória; a bica; a barraca do pajé; a subida da casa do Seu José Adriano, a Casa de Apoio – sede do Museu Indígena Pitaguary; e as retomadas da Pedreira e da Mata do Sabiá. Importante destacar que, no imaginário museal Pitaguary, as pessoas da aldeia são museus vivos, carregam em si

⁹ Informação verbal de entrevista em 22 de outubro de 2024.

as memórias e as sabedorias que garantem a continuidade cultural e política – no sentido de serem lideranças que protagonizaram marcos políticos da história Pitaguary – no território:

Aldeia Munguba não é diferente. Na Aldeia Monguba, temos a casa de apoio, que para nós é extremamente importante. São 20 anos dessa casa de apoio, que foi construída em 2004. Também temos o rio, o rio da provisória, e a bica. Sabemos da importância do bambuzal para a nossa natureza. Temos a barraca do pajé, que fica na casa do meio, onde ele realizava seus rituais e festas espiritualistas. Também temos a subida da casa do seu José Adriano, que foi uma das primeiras lideranças que levantou a luta indígena dentro da Munguba. Além disso, temos a nossa pedreira e a nossa escola. Assim, existem vários locais dentro do nosso território que são extremamente importantes e que precisam ser ressaltados como lugares de fortalecimento da luta e de resistência do povo Pitaguary, do nosso povo.¹⁰

Apesar de existirem outras aldeias constituídas de elementos simbólicos do patrimônio cultural Pitaguary, como vimos anteriormente, em seu histórico, a Aldeia Monguba é marcada por constantes conflitos e violações do território, por projetos de desenvolvimento no âmbito federal, empresários e posseiros. Podemos citar resumidamente a construção da Estrada de Ferro de Baturité (1871) e a implementação da linha férrea (1875) pela Companhia Cearense Via Férrea Baturité; a passagem da linha de transmissão de 500 kV Presidente Dutra – Fortaleza II, da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (1999); e a reativação da Pedreira Britaboa (2011), que impactaram negativamente na delimitação da Aldeia Monguba, e até os dias atuais refletem nos conflitos territoriais.

A ideia de criar o Museu Indígena Pitaguary (MIP) inicialmente surgiu como um ato de resistência às históricas e persistentes violações aos direitos indígenas e ao território Pitaguary, principalmente na Aldeia Monguba. Além de um processo de reterritorialização do espaço que vem sendo explorado por empreendimentos, como, no caso, a Pedreira Britaboa.

Rosa Pitaguary nos explana que enfrenta pessoalmente e diariamente essas violações aos direitos indígenas. Ela compartilha

¹⁰ Informação verbal de entrevista em 22 de outubro de 2024.

seu relato sobre o impacto devastador que a Pedreira Britaboa tem causado ao seu território ancestral:

Nós também temos outro conflito dentro do nosso território, que é sobre a pedreira Britaboa, que também é algo que nos deixa bastante preocupados por conta do pó de pedra, por conta das explosões, e que nunca foi feito um estudo de impacto dentro do nosso território. Hoje em dia, nós temos as nossas nascentes bastante reduzidas, nascentes de águas, olho d’água que a gente tem em cima da serra, bastante reduzido. Alguns já estão assoreados, já estão calcificados por conta do pó de pedra, principalmente no verão, que o pó de pedra bloqueia. A serra toda em verde fica cinza, então a gente tem essa questão. E nós temos também a pedreira que hoje para nós a gente chama a Pedreira dos Encantados, né? Que foi a retomada que a gente fez, né? E que até hoje a gente responde o processo sobre essa questão dessa pedreira, mas que também é local de moradia, né, dos nossos, das famílias indígenas, porque o nosso território da aldeia Monguba é uma área muito pequena. E aí é dentro dessa área, né, dessa retomada, hoje está construída, está sendo construído nossa unidade de saúde, nosso posto de saúde, e que para nós é uma vitória muito grande, né? É uma conquista grandíssima há mais de 30 anos por essa espera, né? Espera dessa, de fazer essa unidade de saúde. E aí nós temos outras retomadas dentro dos nossos territórios. A gente tem a Mata do Sabiá, que foi uma retomada que a gente fez para que as nossas famílias pudessem dar continuidade na agricultura familiar, que é algo de subsistência do nosso povo e que a gente trabalha bastante com essa questão da agricultura, do manejo e que é sustentabilidade. Então, foi outra retomada também que a gente fez e que de uma certa forma a gente passou também por alguns conflitos sobre a Mata do Sabiá.¹¹

Diante do exposto, o museu virou um dos símbolos da luta pela demarcação da Terra Pitaguary, e uma potente ferramenta de territorialidade e reterritorialidade (Galdino, 2007), sendo essencial para a afirmação étnica e a demarcação das Terras Indígenas.¹² Em

¹¹ Informação verbal de entrevista em 22 de outubro de 2024.

¹² Lúcio Keury Almeida Galdino, em sua dissertação de mestrado (2007), aborda a reterritorialidade do povo Pitaguary. Ele destaca que esse processo envolve a reafirmação dos laços culturais e espirituais com o território ancestral, bem como a recuperação de áreas tradicionais ocupadas historicamente pela comunidade. Galdino enfatiza que a reterritorialidade é uma estratégia de resistência frente às pressões externas, permitindo que os Pitaguary mantenham vivas suas práticas culturais e assegurem a continuidade de sua identidade étnica.

sua essência, ele desempenha um papel fundamental na preservação e resistência da identidade Pitaguary, garantindo a continuidade de suas tradições e fortalecendo a luta pela manutenção de seus direitos territoriais e culturais.

Em 2024, o governo do Ceará realizou a instalação dos marcos de demarcação física da Terra Indígena Pitaguary, incluídas no Acordo de Cooperação Técnica (ACT) assinado em novembro de 2023, entre a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), o Instituto do Desenvolvimento Agrário do Ceará (Idace) e a Secretaria dos Povos Indígenas do Ceará (Sepince), com apoio do Ministério dos Povos Indígenas (MPI). A demarcação física assegura que, legalmente, o território pertence aos Pitaguary e o protege contra posseiros, segundo informações disponíveis no site do Governo do Ceará (Santos, 2024).

A colaboração entre o MIP, secretarias estaduais, universidades, instituições culturais e outros equipamentos do Estado tem sido essencial para o fortalecimento na defesa do território. Por meio dessas parcerias, o povo Pitaguary pretende ampliar suas ações de difusão da memória e da cultura da etnia, articulações políticas e sociais, visando a construção participativa de Políticas Públicas de Cultura, Saúde, Educação e Demarcação de Terras Indígenas. A recente instalação de marcos de demarcação física, concluída em 2024, é um passo significativo para garantir a soberania do povo Pitaguary sobre suas terras.

O Museu Indígena Pitaguary é um elemento/uma ferramenta de afirmação étnica, do ensino e saúde diferenciada; do protagonismo e legitimação do povo Pitaguary; e de sua territorialidade. Cada espaço sagrado, local da aldeia mencionado neste tópico, é parte integrante desse grande museu vivo. Nessa relação indissociável, toda violação ao território – e seus componentes – é uma violação ao museu. A preservação ativa e o vivenciamento desses espaços promovidos pelo museu são fundamentais para o fortalecimento identitário e para a resistência territorial.

O histórico do Museu Indígena Pitaguary

A sede arquitetônica (em formato físico) do museu está localizada na Aldeia Monguba (Terra Indígena Pitaguary), no município de Pacatuba, no Ceará. Sua criação foi resultado de uma mobilização comunitária, liderada por figuras como Clécia Pitaguary, Rosa Pitaguary e pajé Barbosa, em conjunto com o Conselho Indígena Pitaguary (Coipym).

O museu foi oficialmente reconhecido em 2011, pelo Programa Pontos de Memória do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram, 2011), o que representou um marco importante na trajetória, garantindo não apenas o registro oficial e a formalização de sua existência, mas também a legitimação da ocupação territorial pelos Pitaguary diante das constantes ameaças externas e dos processos judiciais que buscaram deslegitimar os direitos da comunidade.

Até meados de 2018, o museu ocupava uma casa, que segundo pajé Barbosa Pitaguary (2018)¹³ foi moradia de antigos indígenas da geração de seus avós, situada na retomada territorial, denominada Pedreira dos Encantados, um local simbólico da luta e resistência dos Pitaguary, diante da violação do território e do racismo expresso na negação da existência de indígenas na região (Barbosa, 2019).



Imagen 1. Antiga sede do Museu Indígena Pitaguary.
Fonte: Página do Facebook do Museu Indígena Pitaguary, 2017.

¹³ Depoimento cedido entre 17 e 18 de setembro de 2018.



Imagen 2. Interior da antiga sede do Museu Indígena Pitaguary.

Fonte: Página do Facebook do Museu Indígena Pitaguary, 2017.

A Pedreira dos Encantados é considerada pelos indígenas um local sagrado, de manifestação da espiritualidade, por meio da ritualística e da prática da medicina tradicional do antigo pajé Barbosa Pitaguary e continuada por seus filhos pajés Alex Pitaguary, Nadya Pitaguary e Francilene Pitaguary, além de espaço de transmissão de conhecimento e fortalecimento das práticas culturais da Aldeia Monguba.

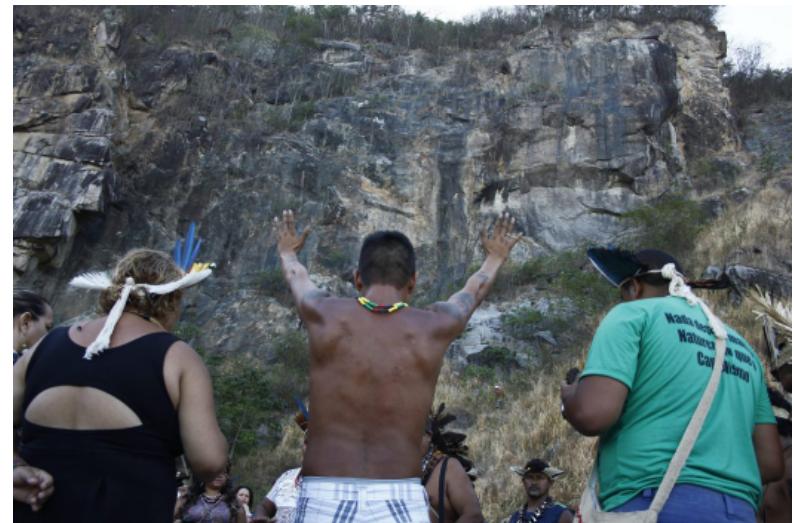


Foto 3. Ritual na aldeia Pedreira dos Encantados durante ato público contra o despejo dos Pitaguary da localidade.

Fonte: Renato Santana/Conselho Indigenista Missionário, 2017.

A escolha de instalar a sede do museu na Pedreira dos Encantados foi uma ação intencional de resistência perante a violação de seus direitos territoriais. Em 2011, a empresa Pedreira Britaboa, posteriormente renomeada como Pedreira Canaã Ltda., reativou suas operações na Serra, uma área que os Pitaguary consideram parte de seu território sagrado. A presença da pedreira trouxe diversas consequências negativas tanto ambientais quanto sociais para a comunidade indígena, segundo informações do Mapa de Conflitos e Injustiça Ambiental em Saúde no Brasil – ICICT/Fiocruz (Fiocruz, 2019). Para os Pitaguary, essa atividade não representava apenas um problema ambiental, mas também uma violação espiritual, já que a Serra é vista como um território sagrado, essencial para suas práticas culturais e espirituais.

Terra de ocupação tradicional não é apenas onde os povos indígenas colocam sua casa ou suas roças, mas toda uma área que possui importância cosmológica, onde é possível se reproduzir fisicamente, socialmente e espiritualmente. [...] Há farta legislação determinando que para o funcionamento desses empreendimentos se exige os estudos de impactos ambientais, mas não basta fazer esses estudos sem a oitiva aos Pitaguary porque eles podem conter vícios típicos daquilo que apenas o Estado entende. Um exemplo é desconsiderar essa área de influência, que precisa ser estudada para ser avaliado o impacto e com isso decidir se a concessão será dada ou não (Leal, 2017).

Na ocorrência de ameaças à vida dos indígenas e racismo, proferidos pelos empresários e funcionários da Pedreira, e o anseio de incluir a região de grande importância para o patrimônio cultural Pitaguary na demarcação da Terra Indígena, a liderança Clécia Pitaguary mobilizou os indígenas da Aldeia Monguba e de outras aldeias, assim como indígenas de outras etnias e apoiadores do movimento indígena a ocupar o território, segundo Barbosa (2019). Nesse sentido,

Por iniciativa da indígena e liderança, Clécia Pitaguary, que foi pessoalmente questionar os responsáveis pela empresa sobre a utilização do espaço que é considerado TI pelos Pitaguary – e, após a resposta preconceituosa e violenta, afirmando “que ali não existia indígena, e que se existisse, eles iriam acabar com eles” –, ela própria mobilizou a população para ocupar o espaço (Barbosa, 2019, p. 65).



Foto 4. Figura da campanha “Nenhum direito a menos nenhuma pedreira a mais”. Fonte: Página do Facebook do Museu Indígena Pitaguary, 2017

Visando legitimar a retomada do território e impedir a presença de pessoas ligadas à empresa Britaboa na região, algumas lideranças Pitaguary se engajaram na criação de um complexo cultural ao longo de toda a área demarcada, incluindo a região da pedreira. Como parte desse esforço de preservação e resistência, o pajé Barbosa¹⁴ e sua esposa Liduína decidiram morar permanentemente no local, ano de seu encantamento, em 2022.

Esse complexo foi organizado em um percurso cultural que começava pelo Museu Indígena Pitaguary, e contava com um espaço de ensino e oficinas de pinturas corporais, ministradas por Benício

¹⁴ Pajé Barbosa Pitaguary foi um grande líder espiritual dos povos indígenas e de seus seguidores. Guardião e transmissor de antigas tradições da espiritualidade dos Pitaguary, dos conhecimentos, saberes, fazeres e das práticas tradicionais de cura das diferentes correntes religiosas africanas e da pajelança indígena. Pai de santo na Umbanda e babalorixá do Candomblé. Curandeiro, raizeiro, juremeiro, xamã, torezeiro, uma das mais importantes lideranças do povo Pitaguary. Pajé Barbosa foi um defensor dos direitos humanos e do meio ambiente, além de ter sido um dos criadores e gestor do Museu Pitaguary, articulador da Rede Indígena de Memória e Museologia Social, mestre em Museologia Encantada Indígena e mestre da cultura brasileira. Ele se encantou em 2022, virando um ancestral e um encantado de todos os povos seguidores de pajé.

Pitaguary¹⁵ – que até o seu encantamento, continuou lecionando a arte do grafismo indígena na aldeia –, e percorria pela Reserva Ambiental Pitaguary (Área de Proteção Ambiental da Serra do Aratana), até a Escola Indígena Ita-Ara. Segundo a Francilene Pitaguary:

Esse museu retrata essas pessoas; é uma homenagem a elas que, quando achávamos que iríamos ser plantados, chegaram encantadas conosco. Eu estou aqui, então elas deram forças para levantar. Retrata as plantas medicinais e os animais que pertencem a este lugar; retrata a beleza que os olhos não conseguem mais ver. São plantas menores do que uma unha, e eu consegui, este ano, observar mais de 30 espécies aqui na pedreira. Retrata a primeira maraca do pajé e as pessoas que vieram aqui e escutaram o chamado da Mãe Terra. Este museu retrata essas pessoas e é uma homenagem a elas que, quando achávamos que seríamos expulsos daqui, nos deram força. Sabe?¹⁶

No final de 2018, a sede do museu foi transferida para a Casa de Apoio, um local propriamente estruturado para formação e atividades comunitárias, e recepção dos visitantes da aldeia e em seu histórico foi palco de reuniões sociopolíticas que marcaram a luta Pitaguary – como as do Conselho Indígena do Povo Pitaguary (Coipy); as do Conselho Comunitário do Povo Indígena Pitaguary de Monguba (Coipym); e as da Articulação das Mulheres Indígenas Pitaguary (Amipy).

A Casa de Apoio desempenha um papel central na dinamização das atividades da Aldeia Monguba bem como do museu e localiza-se estrategicamente próxima à Escola Indígena Ita-Ara, ao horto de plantas medicinais, ao terreiro da pajé Nadya Pitaguary, e ao acesso à trilha ecológica do Bambuzal (APA da Serra da Aratana). Esses locais integram o patrimônio cultural Pitaguary, sendo essenciais

¹⁵ Benício Pitaguary foi uma importante liderança da juventude Pitaguary, agente do Museu Indígena Pitaguary e artista reconhecido nacionalmente por seus grafismos indígenas. Tendo formação em geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Benício encontrou no grafismo a forma de cartografar a cosmogonia Pitaguary, pela representação da natureza simbólica para a etnia. Além de lecionar a arte do grafismo e impulsionar outras etnias a grafar a cultura, foi atuante no movimento dos museus e da museologia indígena. Integra a Rede Indígena de Memória e Museologia Social, o Comitê Gestor dos Povos Indígenas do Estado do Ceará, e o Conselho Estadual de Políticas Culturais. Em 2022, se encantou, virando um ancestral do povo Pitaguary.

¹⁶ Informação verbal de entrevista em 14 de outubro de 2024.

para a preservação da identidade desse povo, além de funcionarem como centros de aprendizado e transmissão do conhecimento tradicional, bem como das práticas culturais e espirituais.

A localização estratégica da Casa de Apoio permite uma maior integração entre o museu, a escola e a comunidade, promovendo atividades educativas que vão além das paredes da sala de aula. O MIP utiliza esses espaços para oferecer oficinas, visitas guiadas e eventos culturais, que envolvem tanto as crianças quanto os anciões, fortalecendo a multiplicação de saberes.

Atualmente, o museu mantém uma programação que conta com a exposição de itens variados de seu acervo físico: a feijoada e a trilha ecológica pelo território na Reserva Ambiental Pitaguary, localizada na APA da Serra da Aratanha; a Noite Cultural, que ocorre mensalmente, entre outras atividades. Além de realizar exposições de curta duração, em parceria com outros equipamentos culturais do estado. Recentemente, o museu em parceria com o projeto Percursos, idealizado pelo Sobrado José Lourenço – equipamento cultural vinculado à Secretaria da Cultura do Ceará e ao Instituto Mirante – realizou a exposição itinerante Somos todos parentes, reunindo as obras do artista Benício Pitaguary, que se encantou em 2022. É possível verificar as informações atualizadas na página do Museu Indígena Pitaguary^{17 18} e Juventude Pitaguary Monguba¹⁹ no Instagram e no Facebook.

¹⁷ MUSEU INDÍGENA PITAGUARY. Disponível em: <https://www.instagram.com/imipitaguary/>. Acesso em: 9 nov. de 2024.

¹⁸ MUSEU INDÍGENA PITAGUARY. Disponível em: https://www.facebook.com/museuindigenapitaguary/photos_by?locale=pt_BR. Acesso em: 9 nov. 2024.

¹⁹ JUVENTUDE PITAGUARY MONGUBA. Disponível em: <https://www.instagram.com/jipitaguary/>. Acesso em 9 nov. 2024.



Foto 5. Foto da exposição Somos todos parentes.

Fonte: Página do Facebook do Sobrado José Lourenço, 2024.

O museu vivo e a cosmografia Pitaguary

“O museu é tudo isso aqui, desde das tapera antigas, dos troncos velhos, da Pedreira dos Encantados [...] da escola até a serra”. Essas expressões costumam aparecer, principalmente nas falas de Rosa Pitaguary, Clécia Pitaguary, pajé Francilene Pitaguary, pajé Barbosa Pitaguary, entre outras pessoas atuantes no movimento dos museus e da museologia indígena, ao se referirem ao Museu Indígena Pitaguary.

Na cosmografia (Little, 2001),²⁰ Pitaguary, o território é visto em sua totalidade como um espaço ancestral e sagrado que conecta o povo Pitaguary aos seus troncos velhos e encantados, bem como às suas práticas espirituais e culturais. Esse território se configura como um museu vivo e dinâmico, que vai além da preservação de objetos do passado. Ele é um espaço de evocação de memórias e presentificação dos ancestrais e dos encantados, transmissão e multiplicação dos saberes e da cultura Pitaguary, onde passado e presente se entrelaçam no cultivo de memórias coletivas que sustentam a identidade Pitaguary.

²⁰ Utilizamos o conceito cosmografia a partir de Little (2001), onde “cosmografia” se constitui como um conjunto de saberes que um grupo étnico ou uma coletividade desenvolve para se estabelecer e se manter em seu território.

Segundo pajé Francilene Pitaguary (2024), o Museu Indígena Pitaguary se configura como um lugar de encontro, aprendizado e afirmação da identidade Pitaguary, mantendo viva a conexão com o território e com os antepassados por meio de práticas cotidianas, brincadeiras, rituais e histórias transmitidas de geração para geração. Ele é um

[...] museu onde nós mesmos contamos a nossa própria história e nós mesmos produzimos nossas peças, né? E nós mesmos também afirmamos nossa identidade. Então esse museu passou a ser um museu vivo porque as crianças, né? Elas passaram a ser parte desse museu. Quando elas começam a brincar nos terreiros, como elas começam a trazer memórias dos avós. E hoje elas multiplicam, né? Conforme as brincadeiras e outras formas também. Além disso, tem a questão também dos mais velhos, como guardiões da memória. Então tudo isso faz parte do Museu Indígena, tudo isso faz parte do Museu Pitaguary.²¹

A fala da pajé Francilene Pitaguary exemplifica de forma entendível o conceito de museu vivo como um espaço em que a memória é continuamente construída e vivenciada. O brincar das crianças no terreiro é uma forma de evocar a memória de seus avós. Deste modo, elas se tornam agentes que vivenciam e multiplicam a cultura, enquanto os mais velhos atuam como guardiões da memória, compartilhando saberes e experiências com as novas gerações.

O conceito de “museu-vivo” no contexto indígena emerge como uma noção central para a compreensão da forma como esses povos percebem os museus. Esse conceito foi aprofundado por Gomes (2019) a partir das interações entre indígenas e práticas museológicas, refletindo suas próprias visões e interpretações sobre o que constitui um museu. Segundo Gomes:

A ideia de museu indígena como um “museu-vivo” evidenciou-se durante a pesquisa como uma noção central e capilar para a concepção que os indígenas possuem. O museu-vivo, tendo em vista sua recorrência entre diferentes pessoas e os vários significados que possui, é uma categoria nativa que foi sendo construída através das interações dos indígenas envolvidos

²¹ Informação verbal de entrevista em 14 de outubro de 2024.

com as questões museológicas que melhor expressa uma concepção indígena de museu, para a qual convergem as diferentes traduções feitas em seus horizontes semânticos. Por conta de sua amplitude, consideramos esta noção de museu vivo como uma espécie de categoria “guardachuva”, que abarca várias outras e que se relaciona com outras concepções, e por isso, a partir dela podemos fazer interlocuções com, as distintas significações dadas pelos indígenas aos seus processos museológicos (Gomes, 2019, p. 654).

Por meio da abordagem de Gomes, o museu-vivo caracteriza-se como uma categoria nativa ampla e multifacetada, que possibilita diversos diálogos e traduções semânticas, permitindo que os processos museológicos indígenas sejam entendidos em sua complexidade. Ao dialogar com o campo da museologia, Gomes se aproxima do que Varine (2016) chama de “museologia viva”, numa abordagem de museologia praticada nos processos de mobilização e resistência de populações nativas. Segundo Varine:

Essa museologia, uma museologia viva, uma museologia ativa, uma museologia de luta, é uma museologia que exerce sobre a terra, sobre a cultura, sobre o patrimônio, sobre os objetos, sobre a religião, sobre a memória de cada povo. É a museologia como um instrumento de libertação e de negociação com a sociedade dominante, que enfrentam cada e todos os povos indígenas (Varine *apud* Gomes, 2019, p. 667).

Um museu vivo²² pode ser entendido como um espaço que vai além da preservação, englobando a vivência ativa das tradições e a integração com o território. Esse tipo de museu se renova constantemente, permitindo que o passado seja reinterpretado à luz das práticas atuais e perspectivas futuras, com a comunidade como protagonista na preservação e no vivenciamento de suas memórias coletivas e identidades culturais. Assim, o museu vivo atua como

²² Esse termo está relacionado aos museus de arte moderna e foi um dos jargões utilizados por essas instituições, criadas no período conhecido como pós-guerra, como um conceito oposto a museu em sua concepção tradicional, por eles chamado de “tumular”. Junto a esse termo, eram comuns também as denominações quarta dimensão e museu-escola, referentes à multiplicidade artística e à difusão dos saberes. Com referência ao modelo de museu instaurado pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, o abandono da ideia de um museu tradicional, pensado apenas como lugar de preservação, guardião da memória e do passado, passa a dar lugar à ideia de um museu dinâmico (Lourenço, 1999).

um catalisador de transformação social e cultural, promovendo a continuidade e a resistência das tradições locais.

O pensamento do pajé Barbosa Pitaguary, ancestral do povo Pitaguary, reflete uma visão filosófica e integrada da existência do Museu Indígena Pitaguary, na qual o universo inteiro é compreendido como um “museu vivo”, concebido a partir da criação do cosmos pelo Grande Espírito. Para ele, o museu não se limita a uma construção humana ou a um espaço físico estruturado e institucionalizado, mas abrange tudo o que existe, tangível ou intangível, narrável ou inenarrável – desde os corpos celestes, os oceanos com seus elementos, até o próprio Território Pitaguary, com suas pedras, árvores sagradas, nascentes, locais de reza, encantados, entre outros.

Na visão do pajé, cada elemento do cosmos é uma peça do museu, imbuída de significados e representações de memórias e saberes viventes, mas, assim como as peças, o museu não é permanente, pois tudo o que é vivo se transmuta no seu retorno, conforme a vontade do Grande Espírito. Nas palavras do pajé Barbosa Pitaguary:

Que o museu, ele começa, justamente, quando o grande espírito cria o planeta, e, de certa forma, o espaço sideral. Porque como você vê o Plutão, você vê Marte, quando vê você Vênus, quando você vê o preto, o Sol e a Lua, você vê o seu passado [...]. Então quando se percebe os buracos negros, as estrelas, os meteoros, a gente percebe que são coisas de longe, de um grande museu não narrável, às vezes. Mas quando a gente olha também pro nosso mínimo bondoso, a gente começa só a andar e percebe que são peças que existiam dentro do mar e tão aqui exposto, né? Exposto pra gente, pra gente usar até não sei quando. Mas, a gente sabe que poderá a gente perder todas as peças, o museu e voltar o grande pai, que é o nosso espírito. Portanto, nós fazemos peças do museu, mas para devolver pro nosso grande espírito.²³

Em ressonância ao pensamento de pajé Barbosa Pitaguary, diante da efemeridade da vida, da transmutação dos pajés e guar-

²³ Transcrição da fala do pajé Barbosa Pitaguary na sessão “Troca de saberes e experiências entre processos museológicos indígenas no Brasil”, no terceiro dia do II Fórum Nacional de Museus Indígenas. O evento ocorreu em Aldeia Mina Grande, na Terra indígena Kapinawá, Búque (PE). Foi gravada por Alexandre Oliveira Gomes e transcrita por Maurício Souza em 18 de agosto de 2016.

diões da memória e da iminência de perder seus conhecimentos sobre histórias dos encantados e terreiros sagrados, pajé Francilene Pitaguary²⁴ ressalta a necessidade de utilizar o Museu Indígena Pitaguary como uma ferramenta, para não apenas preservar, mas também multiplicar esses saberes.

Em sua lógica, o museu é um espaço ativo de transmissão cultural, no qual os conhecimentos ancestrais podem ser mantidos vivos e passados para as próximas gerações. Isso inclui histórias dos encantados, da Cobra Grande, dos guardiões espirituais e da Mãe d’Água, percebidas não como mitos, mas como histórias vivas que continuam a influenciar a vida cotidiana da comunidade. Sua preocupação pessoal é evitar que essas histórias se percam com o tempo, considerando que são passadas oralmente de geração em geração, ao longo de séculos. Nesse sentido, o registro e o vivenciamen-tó é um pilar de resistência cultural, contribuindo para a territorialidade e reafirmação da identidade Pitaguary. Segundo pajé Francilene Pitaguary:

[...] é a questão também das histórias dos encantados, dos terreiros sagrados, então essas memórias também estão sendo perdidas com o tempo. E eu vejo que nós precisamos fazer parte também do museu desses saberes das Encantarias, mostrando que aquela árvore é sagrada, mostrando que aquela pedra ali tem história, tem um mistério, mostrando que aquele rio também tem morador, tem mistério, então tudo isso também a gente consegue fazer com que o museu guarde e não guarde, mas multiplique esses saberes, então a gente vem da sabedoria das nossas avós falando sobre um pouco.

Das histórias do Encantado e a gente precisa contar a história da Cobra Grande, contar a história dos nossos guardiões, dos nossos troncos velhos que permanecem vivos depois da passagem, mas eles ainda permanecem no nosso povo. E sobre também outras e outras, a Mãe d’Água, que não são histórias folclóricas, mas são histórias vivas, que são o Encantado nosso mesmo que existe. [...]

Então o Museu Pitaguary traz nessa realidade nossa, da presença do Encantado como algo que permanece e demarca o nosso povo, nosso espaço,

²⁴ Informação verbal de entrevista em 14 de outubro de 2024.

nosso lugar. Então isso também, o museu ele vem a somar, porque a maioria das histórias, ela tem mais de 200, 300 anos, já estão passadas de filhos, ela é de pai, para neto e aí vai. Então é um pouquinho. Dos pequenos, que é Pitaguary²⁵

Diante do exposto, o Museu Indígena Pitaguary, enquanto elemento da cosmografia Pitaguary, transcende a definição tradicional de museu, assumindo-se como um espaço sagrado que integra o território, as práticas culturais e a espiritualidade do povo. O museu, enquanto um “museu vivo”, que por meio da museologia Pitaguary, atua como um espaço de transmissão contínua de saberes, onde passado e presente se entrelaçam por meio das histórias dos encantados, rituais e vivências cotidianas, garantindo que as tradições e identidades Pitaguary não apenas perdurem, mas se multipliquem geração após geração.

A museologia Pitaguary

Na concepção de uma museologia Pitaguary, o museu não se encaixa em uma tipologia de museu tradicional ortodoxo, centrado nas coleções e no espaço edificado, aos moldes de um modelo europeu do século XVIII. O fazer museológico é moldado pela relação dos indígenas com seus antepassados e encantados. Segundo a pajé Francilene Pitaguary:

A palavra museu, para o nosso Pitaguary, é uma palavra bem recente, mas a forma que a gente trabalha com a museologia é dentro dos nossos antepassados [...] E dessa forma a gente conseguimos preservar muitas coisas, dentro das histórias, costumes e tradições do nosso povo. E uma das formas diferentes de fazer museu é as casas de reza. [...] Então para o nosso povo Pitaguary, as nossas casas de reza ou as nossas próprias casas, que é o que a gente herda dos nossos mais velhos, que é a panela de barro da vovó, o cachimbo e outros. [...] Então isso é uma forma de fazer museu. [...] Então nossas casas praticamente era um museu vivo, porque as nossas peças contavam a história do nosso antepassado, dos nossos ancestrais. E assim a gente vai passando por gerações. Das escritas de forma diferente,

²⁵ Informação verbal de entrevista em 14 de outubro de 2024.

que é ver as pinturas em telhas e outras formas. Então, para nós, Pitaguary, o museu é repassado dessa forma²⁶

Desde 2004, lideranças como Rosa Pitaguary e Clécia Pitaguary, apesar de pouco contato com o campo museológico na época, já realizavam exposições de registros e objetos simbólicos da cultura Pitaguary na Casa de Apoio para transmitir às novas gerações aspectos sociopolíticos e culturais importantes da trajetória do povo Pitaguary. Além de expor aos visitantes da Aldeia uma auto-narrativa da história e da cultura da etnia.

Essas exposições incluíam registros fotográficos e materiais de divulgação que retratavam a história, a cultura e a trajetória política da etnia. Segundo Rosa Pitaguary:

O museu... O nosso museu, na verdade... nós começamos a fazer umas exposições na Casa de Apoio. A Casa de Apoio, ela foi construída em 2004 pra 2005. Quando foi em final de 2005 pra 2006, a gente começou a fazer umas exposições, só que na nossa mente jamais passou que o que a gente estava fazendo lá fosse uma exposição ligada à museologia, a gente não tinha esse entendimento [...].²⁷



Foto 6. Foto da Casa de Apoio. Coleção própria, 2018.

²⁶ Informação verbal de entrevista em 14 de outubro de 2024.

²⁷ Depoimento cedido entre 29 de setembro e 26 de outubro de 2018.

Essas exposições plantaram as bases para o desenvolvimento de um museu indígena que funcionasse como um espaço de preservação e comunicação da memória e cultura Pitaguary para a própria comunidade e para visitantes externos. Segundo Rosa Pitaguary:

Até que um dia a gente percebeu que tinha que ter um espaço... porque era assim... A gente fazia assim; “Monta a exposição...” Montava a exposição, ficava lá... “Tal dia vai vir um evento pra ca...” assim assim assim... “Desmonta a exposição...”, “Guarda tudo...” Ou então “Guarda metade das coisas...”. Vai ter um evento, acontecia o evento. Passava o evento, na semana seguinte; “Monta de novo a exposição...”. Então a gente ficava nesse negócio, tira e bota, tira e bota, e a gente percebeu que a gente precisava realmente de ter um espaço. Pra fazer, né, pra deixar fixo, um lugar fixo que a gente pudesse estar trabalhando aqui.²⁸

A prática da expografia, como um recurso comunicacional e didático, visando construir, difundir e promover uma autonarrativa da trajetória do povo Pitaguary, bem como suas memórias e práticas culturais, para diferentes públicos, mas principalmente para os estudantes das escolas indígenas, reflete um aspecto da “imaginação museal²⁹ Pitaguary”.

Outro aspecto a se destacar é o caráter educativo do MIP e sua relação com as escolas indígenas Pitaguary. A integração museu-escola cria um ambiente de aprendizagem e transmissão do saber que ultrapassa os limites convencionais da sala de aula, englobando o vivenciamento das práticas culturais, espirituais e saberes tradicionais, como a dança do Toré, o uso de plantas medicinais, o diálogo com os anciões e a valorização de narrativas ancestrais. Segundo pajé Francilene Pitaguary:

Aqui teve muitos habitantes, e eu acho que o museu tem a responsabilidade de documentar a cultura da comunidade. Eu acredito que o povo, quando não tem uma história, ele morre um pouco. Então, o museu, hoje, eu acho que é certamente a principal ferramenta, junto com as escolas indígenas, para repassar saberes. Nós vivemos muito tempo calados e com medo

²⁸ Depoimento cedido entre 29 de setembro e 26 de outubro de 2018.

²⁹ Ver: Chagas (2009).

de repassar nossos saberes para outras pessoas. Hoje, as crianças, mesmo trocando nos nossos terreiros, aprendem com a gente a cuidar mais dos nossos terreiros dia a dia, mesmo sendo pequena a nossa terra, porque não tem mais como plantar mais roçados. É importante a gente contar a nossa história, nossas cantigas, fazer nossos rolinhos de papel e mostrar como a gente fazia as casas, as festas. A escola não tem gente para contar e vivenciar isso, aprender a importância de você manter seu conhecimento tradicional...³⁰

No imaginário museal da pajé Francilene Pitaguary (2024), o MIP e a museologia indígena também envolvem a pesquisa, produção e o registro do conhecimento. Na sua concepção, cada Pitaguary que concluiu sua licenciatura e cada pesquisador que se dedica ao estudo da história e da cultura do povo Pitaguary está contribuindo para esse registro essencial e para a resistência cultural do povo. Ao incorporar teses acadêmicas e pesquisas de parceiros apoiadores, o museu fortalece seu papel como um espaço educativo, de produção e difusão de múltiplos conhecimentos. Segundo a pajé Francilene Pitaguary:

Além de tudo isso, também aí vêm os registros. Então, além dessas memórias que a gente traz do passado, que um dia pode a gente precisar estar afirmado mais ainda, porque o massacre cultural está invadindo nosso povo. E aí está sendo mais difícil a gente estar guardando as memórias, e às vezes temos que isso possa sumir, pode acabar. Mas, enfim, os museus também passam a trazer agora algumas histórias de resistência, como foi que o povo Pitaguary começou a se afirmar como o povo nesse século agora. Então, o museu também traz essas teses, esse trabalho universitário e tudo. Então, hoje o museu tem outro formato, trazendo o passado, a memória, o presente. E aí é onde a gente começa a utilizar não só as licenciaturas, mas também essa pesquisa de parceiros e amigos que vêm a somar, mostrando que nós existimos e nós permanecemos aqui, firmes.³¹

Por fim, Francilene Pitaguary, pajé e guardiã da memória do povo Pitaguary e mestra da museologia indígena, conclui que a museologia é um artifício para permanecermos vivos, e incluo que essa vida

³⁰ Informação verbal de entrevista em 2018.

³¹ Informação verbal de entrevista concedida em 14 de outubro de 2024.

só é possível nos museus vivos, comprometidos com a justiça de transição, com a garantia dos direitos humanos, direito à memória e à terra, em territórios vivos, onde as pessoas possam viver de forma digna, autônoma, sustentável e sem exploração desenfreada do meio ambiente e seus recursos ou violação de seus direitos.

Então, a museologia, para nós, é algo que, vamos dizer, é uma das armas que nos ajudam a permanecer vivos. E isso é necessário: que a gente possa estar afirmado mais ainda as nossas histórias, né? Construindo novas formas de comunicação, nossas formas de transformações, mas que isso não venha nos prejudicar; que venha somar. Então, a linguagem dos museus hoje, presente, dialogando com o museu do passado, que são as casas de rezas, que é a nossa roda de fogueira, é uma visão de futuro. Então, o Museu Pitaguary, a gente trabalha dentro disso, junto com a nossa juventude, né? As crianças e as nossas escolas. Então, é um pouquinho do que é o Museu Pitaguary hoje, né, para nós, pajés.³²

Conclusão

O Museu Indígena Pitaguary exemplifica a concepção de um museu vivo que está diretamente integrado à terra e à cosmografia do povo Pitaguary. Mais do que preservar objetos, o MIP é um espaço onde as memórias e tradições indígenas são continuamente vivenciadas pelas diferentes gerações. As crianças e jovens, ao vivenciarem as práticas culturais, tornam-se agentes de preservação e multiplicação de saberes, enquanto os mais velhos atuam como guardiões da memória.

A resistência territorial, evidenciada na luta contra empreendimentos como a Pedreira Britaboa e na recente demarcação do território Pitaguary, é central para a preservação desse patrimônio cultural. Por meio de parcerias institucionais e educacionais, o MIP fortalece a conexão entre a museologia e a educação comunitária, criando um vínculo duradouro entre o museu, a escola e o território.

³² Informação verbal de entrevista concedida em 14 de outubro de 2024.

O museu indígena, na visão de lideranças como a pajé Francilene Pitaguary, não é apenas um espaço físico, mas um elemento estratégico de afirmação identitária e de proteção contra o apagamento cultural. Ao valorizar histórias e rituais como os dos encantados e da Mãe d’Água, o MIP contribui para que as gerações futuras mantenham vivas as memórias e a territorialidade do povo Pitaguary. Dessa forma, a museologia indígena se torna um caminho para a continuidade e a defesa dos direitos culturais e territoriais da comunidade Pitaguary, possibilitando que seu legado resista às pressões externas e permaneça íntegro para as futuras gerações.

Referências

- AZEVEDO, Adelle; ALBUQUERQUE, Clárice; FRANÇA, Roberta (org.). *Inventário socioambiental do povo Pitaguary*. Fortaleza: Adelco, 2019. Disponível em: https://adelco.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Livro_Inventa%CC%81rio_Pitaguar1.pdf. Acesso em: 9 nov. 2024.
- BARBOSA, Yasmine Martins. *O Museu Indígena Pitaguary: proposta de incorporação do horto de plantas medicinais na coleção museológica*. 2019. Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.
- BRASIL. Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996. *Dispõe sobre o procedimento administrativo de demarcação das terras indígenas e dá outras providências*. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1775.htm. Acesso em: 9 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Justiça. *Portaria nº 2.366, de 15 de dezembro de 2006. Declara de posse permanente do grupo indígena Pitaguary a Terra Indígena Pitaguary*. Brasília: Ministério da Justiça, 2006. Disponível em: https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-2366-2006_198383.html. Acesso em: 16 nov. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde Indígena. *Plano Distrital de Saúde Indígena – DSEI Ceará, 2024-2027*. Fortaleza: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai/planos-distritais-2024-2027/plano-distrital-ceara>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- BRASIL. Decreto nº 12.582, de 6 de agosto de 2025. *Homologa a demarcação administrativa da terra indígena Pitaguary, localizada nos Municípios de Maracanaú, Pacatuba e Maranguape, Estado do Ceará*. Brasília: Presidência da República, 2025a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/decreto/d12582.htm. Acesso em 2 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde inaugura duas novas Unidades Básicas de Saúde Indígena no Ceará. Gov.br, Brasília, 20 ago. 2025b. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2025/agosto/ministerio-da-saude-inaugura-duas-novas-unidades-basicas-de-saude-indigena-no-ceara>. Acesso em: 5 out. 2025.

- CHAGAS, Mario de Souza. *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: MinC; Ibram, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bps-1834>. Acesso em: 2 nov. 2024.
- DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO. *Demarcação física de terra indígena da comunidade Pitaguary inicia no Ceará*. Brasília: Defensoria Pública da União, [2024?]. Disponível em: <https://direitoshumanos.dpu.def.br/demarcacao-fisica-de-terra-indigena-da-comunidade-pitaguary-inicia-no-ceara/>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- FIOCRUZ. *Mapa de conflitos e injustiça ambiental em saúde no Brasil – ICICT/FIOCRUZ*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ce-pedreira-da-empresa-britaboa-ameaca-indios-pitaguary-em-fortaleza/>. Acesso em: 9 de novembro de 2024.
- GALDINO, Lúcio Keury Almeida. *Os caminhos da territorialidade da etnia Pitaguary: o caso da aldeia Monguba no município de Pacatuba no Ceará*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8062>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- GOMES, Alexandre Oliveira. *Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36806>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Prêmio Pontos de Memória 2011: lista de habilitados*. Retificação publicada no *Diário Oficial da União*, de 7 de dezembro de 2011, Seção 3, p. 20 e 21. Brasília: Ibram, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/fomento-e-financiamento/editais-de-fomentos-e-financiamento/editais-2011/premio-pontos-de-memoria-2011/lista-de-habilitados-no-edital-n9-retificacao-pontos-de-memoria>. Acesso em: 28 out. 2024.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LEAL, Caroline. Área do território Pitaguary a ser reintegrada à posse de pedreira pertence à União. [Entrevista concedida a] Renato Santana. Conselho Indigenista Missionário, 2017. Disponível em: <https://cimi.org.br/2017/11/area-do-territorio-pitaguary-a-ser-reintegrada-a-posse-de-pedreira-pertence-a-uniao/>. Acesso em: 4 out. 2025.
- LITTLE, Paul E. *Amazonia: territorial struggles on perennial frontiers*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem moderno*. São Paulo: EdUSP, 1999.
- LYRA, Joani Silvana Capiberibe de. Resumo do relatório de identificação e delimitação da terra indígena Pitaguary. In: FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS. *Levantamento fundiário e laudos de vistoria e avaliação com fotos*. Fortaleza: Funai, 1998.
- MAGALHÃES, Eloi dos Santos. *Aldeia! Aldeia!*: a formação histórica do grupo Pitaguary e o ritual do toré. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/24561>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- MOVIMENTO INDÍGENA DO CEARÁ. *Situação dos povos indígenas do Ceará*. Fortaleza: Adelco, [202-]. Disponível em: <https://adelco.org.br/wp-content/>

[uploads/2019/08/Livro_Diagn%C3%B3stico.pdf](https://cimi.org.br/2017/11/area-do-territorio-pitaguary-a-ser-reintegrada-a-posse-de-pedreira-pertence-a-uniao/). Acesso em: 9 nov. 2024.

PINHEIRO, Joceny de Deus. *Arte de contar, exercício de rememorar: história, memória e narrativa dos índios Pitaguary*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1462>. Acesso em: 9 nov. 2024.

SANTANA, Renato. *Área do território Pitaguary a ser reintegrada à posse de pedreira pertence à União*. Conselho Indigenista Missionário, 2017. Disponível em: <https://cimi.org.br/2017/11/area-do-territorio-pitaguary-a-ser-reintegrada-a-posse-de-pedreira-pertence-a-uniao/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

SANTOS, Julyanna. Governo do Ceará avança na demarcação da terra indígena Pitaguary com instalação de marcos físicos. *Portal do governo do estado do Ceará*, 4 out. 2024. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2024/10/04/governo-do-ceara-avanca-na-demarcacao-da-terra-indigena-pitaguary-com-instalacao-dos-marcos-fisicos/>. Acesso em: 9 nov. de 2024.

VARINE, Hugues de. Depoimento visual. In: FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS INDÍGENAS, 1., 2016. Contém respostas a questões sobre museus indígenas elaboradas por Alexandre Oliveira Gomes. [S. I.]: [S. n], 2016.

Yasmine Martins Barbosa | Doutoranda em Museologia e Patrimônio no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (PPG-MUS Unirio/Mast). Mestra em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, pela Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz (PPGPAT COC-Fiocruz). Museóloga do Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Ceará. E-mail: yasmine.barbosa@secult.ce.gov.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5441303969970864>. | Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5123-1998>.

Francilene Pitaguary | Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal do Ceará. Pajé do Povo Pitaguary, Curadora da exposição de saúde indígena do Museu da Vida/Fundação Oswaldo Cruz. Curadora e palestrante de museus indígenas. E-mail: pajefrancilenepitaguary@gmail.com. | Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6489-8608>.

Rosa da Silva Sousa (Rosa Pitaguary) | Graduanda em Antropologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, coordenadora de políticas públicas para os povos indígenas da Secretaria dos Povos Indígenas do Ceará. Coordenadora do Museu Indígena Pitaguary, mestra da Museologia Indígena. E-mail: rosa.silva@povosindigenas.ce.gov.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2973213636898199>. | Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-6697-467>.

[«< Voltar ao início](#)